

volta, ó meu amado,
como a gazela ou como o
veadinho
sobre os montes de Beter.

CÂNTICO III

3 A Esposa — Durante a
noite, no meu leito,
busquei aquele que a
minha alma ama;
procurei-o mas não o achei.
²Levantei-me e percorri a
cidade,
as ruas e as praças,
em busca daquele a quem
a minha alma ama;
procurei-o e não o achei.
³Encontraram-me os guar-
das
que faziam a ronda na
cidade.

«Vistes, acaso, aquele a que
a minha alma ama?»

⁴Mal passara por eles,
encontrei aquele a quem a
minha alma ama.

Agarrei-me a ele e não o
largarei mais,
até que o tenha introdu-
zido na casa de minha mãe,
no quarto daquela que me
concebeu.

O Esposo — ⁵Conjuro-vos, ó fi-
lhas de Jerusalém,

pelas gazelas e corças dos
campos,

não desperteis nem pertur-
beis a minha amada,
antes que ela o queira.

CÂNTICO IV

Coro — ⁶Que é isto que sobe do
deserto

como uma coluna de fumo,
como aroma de mirra e de
incenso,
e de todos os perfumes dos
mercadores (Sl. 44, 9; Is.
60, 8; Mt. 2, 11; Jo. 19, 30)?

⁷Eis a liteira de Salomão,
escoltada por setenta va-
lentes
dos mais valorosos de Is-
rael;

⁸todos esgrimem a espada,
e são hábeis para o com-
bate;

cada um deles leva a es-
pada ao lado,
por causa dos perigos noc-
turnos (Sl. 90, 5).

⁹O rei Salomão fez uma
liteira
de madeira do Líbano.

¹⁰Fez-lhe colunas de prata,
o reclinatório de ouro,
o assento de púrpura;
o interior é bordado,
obra de amor das filhas de
Jerusalém.

¹¹Sai, ó filhas de Sião,
e vede o rei Salomão,

com o diadema com que o
coroou sua mãe
no dia das suas núpcias,
no dia do júbilo do seu
coração.

4 O Esposo — Oh, como
és formosa, minha ama-
da, como és formosa!
Os teus olhos são como
pombas,

por detrás do teu véu (a).
Os teus cabelos são como
um rebanho de cabras

descendo das vertentes
pelas montanhas de Galaad.

²Os teus dentes são como
um rebanho de ovelhas tos-
quiadas,
que sobem do lavadou-
ro;

cada uma leva dois cor-
deirinhos gémeos,
e nenhuma há estéril entre
elas.

³Os teus lábios são como
um fio de púrpura,
e o teu falar é doce.

A tua face é como um pe-
daço de romã

por detrás do teu véu.
⁴O teu pescoço é semelhan-
te à torre de David,

rodeada de troféus,
da qual pendem mil es-
cudos,
todos os escudos dos he-
róis.

⁵Os teus dois seios são
como dois filhinhos gémeos
de uma gazela

que pastam entre os lírios.

⁶Antes que refresque o dia
e desapareçam as sombras,
irei ao monte da mirra,
e ao outeiro do incenso.

⁷Toda és formosa, ó amiga
minha,

e não há mancha em ti.
⁸Vem do Líbano, ó esposa
vem do Líbano,

vem dos cumes de Amaná,
dos cumes de Sanir e de
Hermon,

das cavernas dos leões,
dos esconderijos dos leo-
pardos.

⁹Arrebataste o meu cora-
ção, minha irmã, minha es-
posa,

arrebataste o meu coração
com um só dos teus olhares,

com uma só pérola do teu
colar.

¹⁰Como são deliciosas as
tuas carícias,
minha irmã, minha esposa!
Mais deliciosos que o vinho
são os teus amores!

O odor dos teus perfumes
excede o de todos os aromas!

¹¹Os teus lábios, ó esposa,
destilam mel virgem;
e o mel e o leite estão
sob a tua língua,

e o perfume dos teus ves-
tidos é como o odor do in-
censo do Líbano.

¹²És jardim fechado, mi-
nha irmã, minha esposa,
nascente fechada, fonte
selada.

¹³As tuas plantas são como
um bosquezinho de romã-
zeiras,

com frutos deliciosos,
com cipre e nardo,

¹⁴nardo e açafraão,
canela e cinamomo,
com todas as árvores de
incenso,

com mirra e aloés
e todos os balsameiros
mais selectos.

¹⁵És fonte que jorra a
borbotões,

fonte de águas vivas,
que correm do Líbano
(Jer. 3, 13; Jo. 4, 10; 7, 38).

A Esposa — ¹⁶Levanta-te, ven-
to do norte,

vem tu, vento do meio-dia.
Sopra no meu jardim
para que se espalhem os
seus aromas.

¹⁷Entre o meu amado no
seu jardim,

e coma dos seus deliciosos
frutos.

5 O Esposo — Entro no
meu jardim,

minha irmã, minha esposa.
Colho a minha mirra e o
meu bálsamo,

como o favo com o meu
mel,

e bebo o meu vinho com o
meu leite.

Comei, amigos, e bebei,
inebria-vos, caríssimos.

CÂNTICO V

A Esposa — ²Eu durmo, mas o
meu coração vela.

Eis a voz do meu amado,
que bate.

O Esposo — Abre-me, minha
irmã, minha amiga,

pomba minha, imaculada
minha,

porque a minha cabeça
está coberta de orvalho,

e os anéis dos meus cabe-
los cheios de gotas da noite.

³Tirei a minha túnica;
como irei vesti-la nova-
mente?

Lavei os meus pés;
porque hei-de tornar a
sujá-los (Lc. 11, 7)?

⁴O meu amado meteu a
mão pela abertura da porta
e o meu coração estreme-
ceu.

⁵Levantei-me para abrir
ao meu amado;

as minhas mãos destilaram
mirra,

e os meus dedos impre-
gnaram-se da mirra mais pre-
ciosa

sobre a aldrava da fecha-
dura.

⁶Abri a porta ao meu
amado,

mas ele já se tinha ido,
já tinha desaparecido.

Ao ouvi-lo falar, a minha
alma ficava fora de si.

Procurei-o, mas não o
achei;

chamei-o, e ele não res-
pondeu (Sl. 21, 15).

⁷Encontraram-me os guar-
das,

que faziam a ronda na
cidade.

Bateram-me, feriram-me.
Tiraram-me o meu manto,
os guardas das muralhas.

⁸Conjuro-vos, filhas de Je-
rusalém,

que, se encontrardes o
meu amigo,

lhe digais que desfaleço
de amor.

Coro — ⁹Que tem o teu amado
mais que os outros,

ó mais formosa entre todas
as mulheres?

Que tem o teu amado
mais que os outros,

para que assim nos con-
jures?

A Esposa — ¹⁰O meu amado
é forte e rubicundo,

e distingue-se entre mi-
lhares.

¹¹A sua cabeça é de ouro
puro,

as suas madeixas flexíveis
são negras como o corvo.

¹²Os seus olhos são como
pombas

junto dos regatos,
que se banharam em leite
e descansam junto das
correntes de água.

¹³As suas faces são como
um jardim perfumado

onde crescem plantas odo-
ríferas.